



Em torno da poesia

Lourival Holandaⁱ (UFPE)

Resumo:

Pensar no fim da poesia parece estranho: a cada vez ela dá sinais – muitos vindo da tradição – de ressurgimento. Na verdade, poderíamos pensar que há uma relação interessante entre a poesia enquanto efeito verbal e as novas mídias. Basta ver o Facebook, o Twitter ou as revistas eletrônicas: felizmente, no acesso a vários modos de experimentação de linguagem, a poesia permanece. A sensibilidade contemporânea que emerge daí redimensiona a retórica antiga – agora numa *techné* especial – e bem pode ser a evidência de seu vigor.

Palavras-chave: poesia, tradição, ressurgimento, permanência, novos suportes.

Abstract:

Thinking about the ending of poetry seems very strange: it always shows signs – often coming from tradition – of revival. We can actually think that there is a very interesting relation between poetry like some kind of verbal effect and the new media. It suffices to follow Facebook, Twitter or online magazines: fortunately poetry remains in the access of several moods of language experiences. The contemporary sensibility that emerges from this new media reinforms the ancient rhetoric in another special *techné* and that should be an evidence of its vigor.

Keywords: poetry, tradition, resurgence, permanence, new techniques.

Nosso pasto de sonho e cisma.
(Carlos Drummond de Andrade)

A dinâmica da profusão de poesia no espaço cibernético deve desconcertar as cassandras mais pessimistas. A poesia parece permanecer como uma dimensão inalienável do ser humano – ainda quando justamente se discuta o que é ser **humano**, fica o

testemunho de um modo de habitar diferentemente o mundo. Ao temor de que a frenética movimentação dos novos meios varressem com um revés de mão as veleidades de linguagens poéticas sucede a presença constante do élan poético nos *blogs*, no *Twitter*, no *Facebook*. Aqui, tanto se pode encontrar um poeta maduro, feito Paulo Franchetti, quanto um poeta inédito e promissor, tal Wandersson Hidayck:

fincar atitude na palavra.
 riscar poema como se borrasse vividos.
 arestar um verso como se delimitasse escuros
 poesia por uma não covardia.
 por uma vida que não seja só assim sem vida.
 poema que sobrevive a meus ódios não é transtorno
 nem arrimo
 quando poema que me encara me encarece gosto de viver
 não se apagam fraquezas.

E a poesia volta sempre, a despeito dos tempos e dos meios. Parece que teima e faz pairar, por sobre a severa cabeça de Minerva, a colomba de Noé – lustral, reinaugurando o tempo, em tempos de uma cultura marcadamente digital. O mistério da poesia continua sendo menos o da coisa que se diga – e mais, muito mais, o da força que nos faz dizer.

A presença da poesia contraria as predições recentes que pareciam resultar em resignação: fim da história, momento “pós-utópico”, fim da poesia. Nenhuma novidade nesse comprazimento de fins de prazo: isso vem de longe, para ser negado a cada gesto de aposta de quem cria ritmos verbais. A força da poesia ao longo da história dependeu de fatores contingentes, como a possibilidade de recepção, o acesso privado a códigos convencionados pelos críticos, escritores, intelectuais. O público leitor-produtor atual está envolvido num contexto temporal específico, o das redes virtuais, da economia de mercado digital e das inéditas possibilidades de criação. Portanto, há uma matriz complexa de circunstâncias temporais e determinações sociais. Mas há, sobretudo, em meio às linguagens moldadas por forças diacrônicas e coletivas, a singularização de um modo experimental do dizer, que sempre tem alargado o protocolo linguístico: antes das gramáticas, as epopeias, os textos agregadores de significado social – os poetas.

Um rápido olhar histórico mostra a poesia ligada à memória como uma necessidade: guardar o rol de instrumentos náuticos, as ferramentas. Ela sempre manteve, com variação de escala, a repetição fonética; nos primeiros textos já lembrava um batimento, uma escansão. Havia ali uma alternância seca, meio maquinal como um bate-estaca: pode ter

advindo da atenção do ouvido ao ritmo dos instrumentos (enxada, machado, martelo, serra) ritmados no compasso binário: golpe / pausa; forte / fraco. Paul Claudel dizia que o poeta parecia trazer um “metrônomo” interior. [instrumento para servir de padrão aos andamentos musicais]. É só depois que do rol se passa ao ritmo da linguagem enquanto coisa independente. Everardo Norões retomou um ritmo antigo, o da ladainha, e insuflou no poema um vigor de renovação:

Deus salve teu corpo,
seus negros refúgios:
servo que dobra
ao peso do Teu fardo:
campina sombria,
nascente do dia,
de Deus morada.
Deus salve, Cidade
Sem torre fornida,
Onde tudo apodrece,
Sem pouso ou guarida...
(NORÕES, 2008; p. 105).

Poeta de aguda consciência crítica, Everardo guarda, no entanto, antes do coração à esquerda, um centrado ouvido interior. E poeta é precisamente quem se ocupa com a linguagem de um modo indefinível – mas alargando, no ritmo, as possibilidades do dizer.

Temos memória disso ainda hoje nas ladainhas, no ponto de umbanda, nos mantras. É fácil perceber na reza, nos esconjuros, nas fórmulas da magia, nos versículos bíblicos a linguagem nitidamente rítmica. Através da repetição o corpo toma uma posição tensa e concentrada; e o esvaziamento de si pode dar lugar à descida do deus, o baixar do santo. É só depois que do rol se passa ao ritmo da linguagem enquanto coisa independente. Mas a origem da poesia é simultaneamente augusta e modesta.

Um enfoque mais sociológico permite indagar se ainda há lugar para a poesia no mundo contemporâneo. Ora, a mesma indagação foi feita, no final dos anos 30, por Paul Valéry: Seduzidos e solicitados por tantos prestígios imediatos, tantos excitantes mais diretos que produzem, sem grande esforço, sensações mais intensas... nossos netos, se perguntava Valéry, ainda encontrariam a poesia? (VALÉRY, 1937, p. 19). Os **prestígios imediatos** eram ali o cinema, o rádio; os **excitantes** de hoje têm um prestígio enorme – e mesmo assim a poesia permanece. Certo, ao longo dos anos as transformações na

sensibilidade social foram tantas que talvez as formas que tomou a poesia a deixem quase irreconhecível; as variantes de forma mascaram mal a invariante que a sustém.

Por muito tempo se tomou a poesia como expressão de sentimentos; os transbordamentos do coração, os famigerados estados d'alma; quando, no mais das vezes, ela nem parte de expressar, mas de criar no leitor o sentimento. Já Alfonso Reyes, esse diplomático amigo de poetas como Drummond e Bandeira, insistia em ver na poesia um efeito de palavras. (REYES, 1962, p. 1). Essa já é uma sensibilidade marcadamente moderna. O poeta contemporâneo reage ao desgaste das palavras – que a máquina do mundo repete, na política, na publicidade, como um papagaio ensandecido. Parece que, palavrosa, a cultura midiática age com a linguagem como os ratos roendo as nozes. O empenho e o desafio dos poetas é reavivar a linguagem. Vale ver o recado de José Rodrigues de Paiva:

Gastas estão as palavras
da lixa do mau uso
que lhes deram
eis aí
poetas um interessante programa
de trabalho:
revalorizar a palavra e seus
.....sub
terrâneos
significados.
(PAIVA, 2000, p. 81).

Aqui talvez coubesse invocar a função de desautomatizadora da palavra poética. Um bom poema é uma sacudidela no servilismo a que o utilitarismo a submete. Em dado momento a carência, a falência do real desenha em filigrana o possível inédito; ou para deixar dizer René Char: "De quoi souffres-tu? De l'irréel intacte / Dans le réel dévasté." A gente sofre, no descalabro da realidade imediata, é do irreal ainda inédito, intacto, possível.

Depois da avalanche de teorias que passou sobre a poesia, sobrou a poesia ainda; e teimosamente. Pelo gosto de conjugar emoção e medida. Como no caso de Frederico Barbosa:

onde vou
só
levo-me

onde sou
nós

voo
ao fundo.

(BARBOSA, 2002, p. 69).

Tal preocupação já estava desde cedo na consciência desses gestores incomuns da palavra pública, como o poeta cubano Cíntio Vitier, para quem a poesia é um efeito que excede todas as causas. Pode o poema nascer de um quase nada, uma atenção basta – e então chama o trabalho com a palavra, a gravitação formal entre o ritmo e o arranjo sintático.

Difícil definir a direção da poesia contemporânea, mas ela parece fazer confluir para uma linguagem que fica entre a retórica da grande tradição e as rédeas de um registro mais recente.

Todo caminho leva ao porto: só que não há porto.
E, por isso, se tudo leva a nos perder,
Antes nos perdermos por aquilo que amamos,
Que perder traindo, ao traírmos o nosso próprio Sonho,
E apodrecer as fontes do nosso destino.
Pois sempre somos nós – e não o deus –
Que nos faz adiar ou perder, sem remissão,
O único encontro que nos é dado.
(MONTEIRO, 1975, pp. 65-66).

Voz surpreendente, Lenilde Freitas marca a poética contemporânea com um timbre inusitado. Há aqui uma reinvenção feliz da raiz nordestina – na rima conjugada com o experimental. Quando se levava a pensar que a poesia depois de João Cabral adoecia por excesso de cerebralismo dos epígonos, quando pareceu ter abdicado do ritmo da tradição e assim, perdido a audiência do povo, a poesia volta a refazer laços com a louçania da poética tradicional; o verso de Lenilde está próximo do ouvido popular, sabendo, no entanto, evitar o automatismo que pesa sobre aquela poética. Como no poema “Recomeço”:

No aquário
o peixe reaprende a nadar:
sob as escamas
guardou o mar.
(FREITAS, 1989, p. 38).

Concentração e densidade de sentido, como acertadamente disse Fábio Lucas. Em outro momento:

Todos pensam que na ida
você não levou ninguém
Entendessem de partida
veriam que eu fui também.
(FREITAS, 1994, p. 69).

Arquitetura esplêndida de castelo de ausência.

O grande mérito de João Cabral foi retirar a poesia do pântano enganoso da retórica onde esteve submergida; e a poesia tendeu para uma configuração condensada – quando o discursivo poético anterior se desgastou com a expansão, ao modo de Neruda. O desafio às vezes é dar à palavra força que a faça substituir a frase longa. A poesia de Orides Fontela caberia num *tweet*. Exemplo disso, o poema “Mão única”:

É proibido
voltar atrás
e chorar.
(FONTELA, 1996, p. 33).

Ou esse outro momento da poesia nuclear de Orides, “Carta”:

Da
vida
não se espera
resposta.
(FONTELA, 1996, p. 32).

Desaparecem as palavras supérfluas, fica o nuclear. O verbo torna-se mais afiado. O modo, o mais breve. É também o caso de Ulalume González de León, no México:

Leo en la oscuridad
tu cuerpo-Braille.
Me parece imposible
separar fondo y forma.
(GONZÁLEZ DE LEÓN, 1973, p. 12).

Distante da convenção – redutora – da poesia feminina à *la* Florbela Espanca. Rigor, economia formal dentro de um universo verbalmente complexo. Brevidade e contundência dos aforismos. Impassibilidade. Poesia feita de sobrecargas verbais, cada palavra carregada com o máximo de sentido – pedindo leitura paciente, como certa iluminação revela as

fosforescências das pedras. Os rubis, as gemas: devendo seu brilho e intensidade às pressões e temperaturas a que foram expostas.

Redução valorizadora da linguagem. Levar o poema ao essencial, ao nuclear. É assim a poesia de José Paulo Paes:

A torneira seca
(mas pior: a falta
de sede)
A luz apagada
(mas pior: o gosto
do escuro).
A porta fechada
(mas pior: a chave
por dentro).
(PAES, 1986, p. 79).

Talvez o *Twitter* ajude os poetas: cabe ali uma dicção mais próxima da plasticidade do registro oral – e, simultaneamente, há a restrição dos caracteres que convida à concisão. Do contrário, cai no espontaneísmo, no gratuito, no prolixo – sem o cuidado da estruturação. A lucidez não mata a poesia, depura-a. A palavra de Fernando Pessoa chegou antes de a poesia pousar em meios digitais, mas é oportuna:

A ruína dos ideais clássicos fez de todos artistas possíveis, e portanto, maus artistas. Quando o critério da arte era a construção sólida, a observância cuidadosa de regras — poucos podiam tentar ser artistas, e grande parte desses são muito bons. Mas quando a arte passou de ser tida como criação, para passar a ser tida como expressão de sentimentos, cada qual podia ser artista porque todos têm sentimentos. (PESSOA, 1986, p. 383).

Poesia – arte vital, também pode confundir ao confundir-se com certa incontinência verbal, mero exercício inconsequente de entediados de fim de noite frente ao computador. Cedendo à tentação midiática e condicionada fundamentalmente pela velocidade e efemeridade do espaço virtual, o poeta-nauta pode, por isso mesmo, ser coagido a facilitar as convenções das redes sociais, satisfazer um mercado. Um crítico mais rigoroso ou *mui celoso* – porque há aqui ciúme e zelo, na guarda de um legado – como Alcir Pécora pode, em dado momento, dizer que não há nada na Internet que se equipare a Hilda Hilst; que há ali mais redundância que dicção poética realmente nova. Adquirindo cidadania digital a poesia estendeu seu campo de experimentação e pesquisa; o meio convoca à facilidade – que pode levar à beira da insignificância. Há um cansaço da poesia redita; e um desafio, como em

Orley Mesquita:

O pão de geometria oblonga
Endurece entre a faca e o fruto.
À mesa posta,
Acendo o último cigarro.

De tudo estou farto
(MESQUITA, 2005, p. 251).

E, no entanto, a poesia vai também se valer dos meios eletrônicos como de “um novo e fecundo instrumental para a criação” [Haroldo de Campos em entrevista a Cláudio Daniel]. Assim, as experimentações felizes de Lúcio Agra, de André Vallias; exemplo disso ainda, o poema de Jussara Salazar, na revista digital *Errática*: som, escrita, imagem, tudo põe o poema em movimento. A dominância estética se alarga além do verbal; o registro verbal não some ao somar-se às outras expressões: ele se redimensiona, se intensifica.

Podemos estar em um momento singular da cultura; diferente do impacto mais radical das crises cíclicas tão faladas e tão fecundas. Até agora os poetas se rebelavam e assim se revelavam: era a reinvenção da tradição. Com o cuidado de guardar em boa proporção o sal do humor:

Nenhuma ovelha
pula a cerca
de minha insônia.
Abato a todas.
E quanto à lã,
serve de enchimento
para travesseiro
Serve
– a cada manhã –
para travestir-me
de cordeiro.
(PINTO, 2005, p. 47).

Não inquieta, na atitude contemporânea, a rebelião contra a tradição: inquietaria a ignorância, o modo mais cruel de ausência de tradição. Pior: a indiferença face ao legado poético. E aí já não haveria novidade por pura preguiça: indiferentes, os poetas seriam de pouca invenção porque de nenhum inventário das formas anteriores. Leopardi lembrava: tudo se aperfeiçoou de Homero em diante, mas não a poesia; há poemas antigos que não

sofrem de serem melhorados – mas pode-se fazer diferente; com a condição de estudar o modo como foram feitos. O crítico uruguaio Eduardo Milán (2002, p.73) constata duas saídas possíveis nas tendências poéticas contemporâneas: um apego acrítico às tradições, como forma de exorcizar a desnorteante profusão caótica do momento; e a busca de uma revalorização da atitude inventiva, a aposta em modos de expressão poética mais sintonizados com o presente. Uma maneira leve e certa teve André Vallias quando em *Heine, hein?* repropôs o poeta à leitura nossa fazendo dele um interlocutor contemporâneo: aquele em quem encontramos ainda estímulo para indagações atuais.

Os poetas contemporâneos estão reinventando um modo especial de dicção poética. Uma sensibilidade especial no trato com a linguagem. Uma depuração que, percebe-se, vem de escolhas numa longa frequência. O que resulta, em certos momentos, é da ordem da raridade, da exigência; às vezes, de um pudor sutil na reserva vocabular. Exemplo disso é Micheliny Verunschik:

Até o silêncio
é poesia:
assim,
essa pedra:
assim,
esse cofre
[teu olhar].
(VERUNSCHK, 2010, p. 53).

O poeta é esse agenciador sintático que deixa a palavra à beira do indizível; na contensão deixando pressentir – o primeiro nível da linguagem – com a delicadeza de uma épura.

Reserva de significações, a poesia é igualmente um sinete de insídia. Não se escreve para fugir do mundo – mas para convocá-lo. Jean-Claude Pinson: uma poética indica sempre uma *poéthica* – um proposição de mundo. Uma proposta quanto a sua modalidade de habitação. (Pinson, 1995, p. 135).

Poesia: só levando ao extremo uma língua. O poeta, como pensa o Valéry, “*il se consacre et se consume à définir et à construire un langage dans le langage.*”¹ (VALÉRY, 1960, p 598). Talvez daí o sentimento de isolamento ativo do poeta contemporâneo, como em

¹ Ele se consagra e se consume a definir e construir uma linguagem dentro da linguagem.

Alberto da Cunha Melo:

Poema nenhum, nunca mais
será um acontecimento:
escreveremos cada vez mais
para um mundo cada vez menos,
para esse público dos ermos,
composto apenas de nós mesmos,
uns joões batistas a pregar
para as dobras de suas túnicas
seu deserto particular
os cães latindo, noite e dia,
dentro de uma casa vazia.
(MELO, 2002, p. 29).

O mundo cibernético pode parecer um deserto de mônadas que apenas se tangenciam pelo verbo poético; e a atitude atual já descrê de poder pregar; resta a celebração do que nos ultrapassa:

só os pássaros
conhecem o além.
(SOUTO, 2011, p. 3)

A poética contemporânea busca uma sintaxe que condiga com seu modo de sentir e repropor sentido; o poema é uma organização perceptual do mundo. Mesmo as emoções extremas, a embriaguez, os turbilhões, enfim, a vibração patética da vida, para ter consistência poética passa pelo filtro da forma. E, longe de parecer mero exercício cerebral, a poesia de hoje caminha para algo mais densamente carnal: como se, em dias de desconforto, nenhuma transcendência valesse mais que um gesto de ternura.

A experiência poética atual a seu modo encarna a dissidência desse tempo. São vozes que veem depois da emblemática queda do muro de Berlim e que precisaram apostar em alternativas sociais; seria injusto pensar que houve uma diluição do projeto político anterior agora nas redes sociais. Esses poetas herdaram do século XX, não a terra prometida, mas uma terra devastada. A poesia, no entanto, ressurgiu, como depois de uma operação de desbaste, – comum a quem trabalha no campo. (É, aliás, o modo de Graciliano preceder com a linguagem: arrancar os excessos para que a frutificação ganhe força). Deslocar, lá onde a tradição é entrave; e reivindicá-la, lá onde é base para sustentação de novos projetos. Porque há, em toda teoria política ou poética, o risco de uma aquiescência ao que assim **deve ser**; e a poética é essa inconformação aos conceitos seguros; como a

astrofísica contemporânea, ela é toda uma atenção à imprevisibilidade. O poema de Fábio Andrade diz bem esse movimento de quem avança vida afora *cego de vontade*:

Os olhos do touro
cego e sem amarras
no balé ágil das espadas
pó e sangue

Na arena
sonho com uma morte
semelhante à do touro
cego de vontade
(ANDRADE, 2009, p. 59)

Enfim, já no mundo cibernético, com seu ritmo frenético de atualizações, pode-se perceber um fervor novo na poesia. Uma recuperação inventiva que vai do *repente* ao *rap* – a poesia voltando a ser música e movimento – do verbal ao visual, alargando as possibilidades do signo poético. Uma técnica está aí, na rapidez e maleabilidade do digital; e que pede um novo modo de tratamento dos dados postos à mesa: os recursos plásticos, auditivos, verbais. Procura-se o poeta, esse agenciador de signos.

A exigência poética de Jean-Luc Pinson, por uma *poéthique*, uma reproposição de mundo através da poesia, reencontra a de Pessoa: “assim como lavamos o corpo deveríamos lavar o destino, mudar de vida como mudamos de roupa – não para salvar a vida, como comemos e dormimos, mas por aquele respeito alheio por nós mesmos, a que propriamente chamamos asseio”. (PESSOA, 1986, p. 86). Ser sempre o mesmo, parece dizer o poeta, é pouco saudável. Um belo poema de Álvaro Mutis, poeta uruguaio, “Canción del este”, insiste em apontar essa responsabilidade em nós com o que poderíamos ser, esse anjo invisível que nos espreita e espera na esquina; e quedamos, quietos, miúdos, rotineiros.

(...) A la vuelta de la esquina
te seguirá esperando vanamente
ese que no fuiste, ese que murió
de tanto ser tu mismo lo que eres.
(MUTIS, 1973, p. 131).

Aquilo a que, desde os anos 70, os neurobiólogos Maturana e Varela, denominam *autopoiese* – ou seja, a capacidade de as células se refazerem num processo de interação de fluxo de energia, talvez seja a analogia mais pertinente da poética ao longo da história. Das pedras ao papiro, do papel ao *pen drive*, qualquer que seja o meio, a poesia segue o desafio

de dar ao presente um contraponto de esperança – um modo de crer ainda possível elevar a vida à dignidade de um canto.

Referências bibliográficas:

ANDRADE, Fábio. *A transparência do tempo*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2009.

BARBOSA, Frederico. *Cantar de amor entre os escombros*. São Paulo: Landy, 2002.

FONTELA, Orides. *Teia*. São Paulo: Geração Editorial, 1996.

FREITAS, Lenilde. *Cercanias*. São Paulo: Editora João Scortecci, 1989.

_____. *Tributos*. São Paulo: Giordano, 1994.

GONZÁLEZ DE LEÓN, Ulalume. *Material de Lectura*. Seleção de Rubén Bonifaz Nuño.

Ciudad de México: Coordinación de Difusión Cultural - Universidade Nacional Autónoma de México, 2012. Disponível em:

<http://www.materialdelectura.unam.mx/images/stories/pdf5/ulalume-gonzalez-131.pdf>.

Acesso em: 18 de maio 2012.

MELO, Alberto da Cunha. *Meditação sobre os lajedos*. Natal/Recife: EdUFRN, 2002.

MESQUITA, Orley. In: CAMPOS, Antonio; CORDEIRO, Cláudia. (orgs). *Pernambuco, Terra da Poesia: um painel da poesia pernambucana dos séculos XVI ao XXI*. Recife, PE, IMC - Instituto Maximiano Campos; São Paulo: Escrituras Editora, 2005.

MILÁN, Eduardo. *Estação da fábula*. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2002.

MONTEIRO, Ângelo. *O Inquisidor*. São Paulo: Quíron, 1975.

MUTIS, Álvaro. *Summa de Maqroll El gaviero*. Barcelona: Seix Barral, 1973.

NORÕES, Everardo. *Retábulo de Jerônimo Bosch*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

PAES, José Paulo. *Um por todos*. São Paulo, SP: Brasiliense, 1986.

PAIVA, José Rodrigues de. *Memórias do Navegante*. Recife: Dédalo, 2000.

PESSOA, Fernando. *Livro do Desassossego*. Seleção de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Brasiliense, 1986.

PINSON, Jean-Claude. *Habiter en poète; essai sur la poésie contemporaine*. Seyssel sur le Rhône: Champ Vallon, 1995.

PINTO, Sérgio de Castro. *Zoo imaginário*. São Paulo: Escrituras, 2005.

REYES, Alfonso. *La experiencia literaria*. México: Fondo de Cultura Económica, 1962.

SOUTO, Bernardo. (2011). "Poesia". In: *Eutomia*. Ano 4, Vol. 1, jul 2011. Disponível em: <http://www.revistaeutomia.com.br/volumes/Ano4-Volume1/poesias/POEMASBERNARDOSOUTO.pdf>. Acesso em: 14 de maio 2012.

VALÉRY, Paul. "Situation de Baudelaire". In: *Oeuvres I*, Paris: Gallimard, coll. Bibliothèque de La Pléiade, 1975.

VERUNSCHK, Micheliny. *Cartografia da noite*. São Paulo: Lumme, 2010.

ⁱ **Lourival HOLANDA** tem graduação em Filosofia (Universidade de Paris VIII), mestrado e doutorado em Letras (Universidade de São Paulo). É professor no Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco. Entre seus livros: *Sob o signo do silêncio* (São Paulo: EDUSP, 1992), *Fato e fábula* (Manaus: EDUA, 1999).